

Revista Portuguesa de
Humanidades
Estudos Literários

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO

Uma perspectiva terenciana do papel da mulher
na sociedade romana: a comédia *A Sogra*



Uma perspectiva terenciana do papel da mulher na sociedade romana: a comédia *A Sogra*

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO

Universidade Católica Portuguesa – Braga

antmelo@braga.ucp.pt

Abstract

One of the facets traditionally valued of the Classic Antiquity it is the misoginia. They are about thirteen very favorable centuries of history to the masculine illustration, for us crystallized in the illustration of the Roman *paterfamilias*, consecrated by the *mos maiorum*. In spite of this degrading picture, it is also possible to find in this time reports of a great human elevation, the such point that in authors, like Terêncio, she can recognize the existence of a firm will of revaluating the paper of the feminine illustration.

Keywords: Classic antiquity; misogyny; Homer; Terence.

Enquanto reflectíamos no modo mais afortunado de iniciar este nosso texto, uma mensagem publicitária se foi insinuando no nosso pensamento: “Telefona!... e ainda te habilitas a que o rotor da botija seja mudado por uma das miúdas do gás!”. E, subitamente, até nos parece que o ‘território’ da cozinha passou a ser propriedade exclusiva dos miúdos portugueses. Cultura antimachista, simplesmente, ou uma nova faceta do antifeminismo nestes tempos hodiernos, materializada em anúncios próprios de um reino que é submisso a Eros?

Com mais propriedade, efectivamente, se pode falar de misoginia na Antiguidade Clássica. São cerca de treze séculos de história muito favoráveis à figura masculina, para nós cristalizada na figura do *paterfamilias* romano, consagrada pelo *mos maiorum*. E se também é verdade que em Roma esta realidade aparece mais mitigada aos olhos do historiador – a *materfamilias* acompanha o marido nas recepções e banquetes, não sendo permitida, contudo, a sua presença na *comissatio* –, foi ali que a mulher havia de conhecer uma das alfinetadas mais lancinante que jamais se gravou em verso, pelo punho do grande vate man-

tuano: *Varium et mutabile / semper femina!*...¹, isto é, inconstante e sujeita à mudança sempre há-de ser a mulher.

Esta forma de pensar, que é comum às culturas do próximo oriente, vai moldar a organização social da pólis grega, determinante na formação do carácter dos cidadãos. Tratava-se, na verdade, de uma sociedade patriarcal que buscava a sua referência na supremacia do varão. A sua fama transformava-os em heróis, a quem os gregos prestavam culto. Deles nos falam as narrativas míticas: Hércules, dos doze trabalhos; Teseu, rei de Atenas; Édipo, filho de Laio, rei de Tebas; Aquiles, o Pelida; Ulisses, o homem astuto... Estes dois últimos beneficiaram em muito da tradição épica, que os celebra ligados à Guerra de Tróia, na época áurea de Micenas. A todos eles, porém, os une uma característica comum: a sua origem divina.

Chegamos, assim, a um dos aspectos mais marcantes da vivência na cidade-estado grega: a religião. De natureza politeísta, o número dos seus deuses era incontável, como nos narra Hesíodo nos *Trabalhos e Dias*. A tradição desde cedo havia de eleger entre eles um grupo de doze, denominados olímpicos, pois a sua morada sagrada era o Monte Olimpo, que se erguia nos confins da Macedónia e da Tessália.

Zeus, rei dos homens e dos deuses, é o deus supremo deste panteão helénico. O seu poder, conquistado em renhida luta a seu pai, Crono, tornar-se-ia hegemónico; para a sua legitimação muito terão contribuído as inúmeras aventuras amorosas que se lhe conhecem, a ponto de se tornar o pinga-amor dos espaços celestes. Outros deuses, aliás, são protagonistas de histórias idênticas.

Tendo em conta a importância da religião no dinamismo da pólis, de que um dos aspectos mais importantes é a celebração de festivais – refiram-se, de passagem, os exemplos dos Jogos Olímpicos e as Grandes Panateneias, em Atenas –, seria despiciendo menosprezar a sua dimensão cívica. Tudo isto se converte num importante instrumento de educação, com influência determinante na concepção de uma determinada visão do mundo.

Assim se legitimava, a partir da dimensão divina, a submissão da mulher grega à vontade do homem varão.

Estas façanhas míticas dos deuses transmitiram-se de geração em geração, oralmente. Neste contexto, os poemas homéricos, a *Ilíada* e a *Odisseia*, “devem ter exercido papel de relevo na fixação da religião e das divindades helénicas e das suas principais características”, como já sublinhou José Ribeiro Ferreira (1996: 63). A Antiguidade deixar-se-ia mesmo arrebatada pelo valor didáctico

destes textos, a ponto de Platão, na *República* (606 e-607 a), ter exarado esta sentença, em tradução da Senhora Professora Rocha Pereira (1998: 422):

(606 e) Οὐκοῦν, εἶπον, ὦ Γλαῦκων, ὅταν Ὀμήρου ἐπαινέταις ἐντύχης λέγουσιν ὡς τὴν Ἑλλάδα πεπαιδευκεν οὗτος ὁ ποιητὴς καὶ πρὸς διοίκησιν τε καὶ παιδείαν τῶν ἀνθρωπίνων πραγμάτων ἄξιός ἀναλαβόντι μαιθάνειν τε καὶ κατὰ τοῦτον τὸν ποιητὴν πάντα τὸν αὐτοῦ βίον κατασκευασάμενον ζῆν,

(607 a) φιλεῖν μὲν χρὴ καὶ ἀσπάζεσθαι ὡς ὄντας βελτίστους εἰς ὅσον δύνανται, καὶ συγχωρεῖν Ὅμηρον ποιητικώτατον εἶναι καὶ πρῶτον τῶν τραγωδοποιῶν, εἰδέναι δὲ ὅσον μόνον ἕμους θεοῖς ἐγκώμια τοῖς ἀγαθοῖς ποιήσεως παραδεκτέος εἰς πόλιν· εἰ δὲ τὴν ἡδυσμένην Μοῦσαν παραδέξῃ ἐν μέλεισιν ἢ ἔπεισιν, ἡδονὴ σοὶ καὶ λύπη ἐν τῇ πόλει βασιλεύσειτον ἀντὶ νόμου τε καὶ τοῦ κοινῆ ἀεὶ δόξαντος εἶναι βελτίστου λόγου.

Por conseguinte, Gláucôn – disse eu – se algum dia encontrares encomiastas de Homero, que te afirmem que esse poeta foi o educador da Grécia e que, no que toca a administração e educação humana, é digno de ser tomado como modelo para aprender com ele e regular toda a vida segundo as normas deste poeta, devemos beijá-los e saudá-los como as melhores pessoas que é possível, e concordar que Homero é o maior dos poetas e o primeiro dos tragediógrafos, mas convém saber que, em matéria de poesia, só se devem admitir na cidade hinos aos deuses e encómios aos varões honestos; pois, se se receber a Musa graciosa, quer a lírica, quer a épica, governar-nos-ão na cidade o prazer e a dor; em vez da lei e do princípio que o Estado reconhece ser sempre o melhor.

Para ilustração desta imagem de absoluta sujeição da mulher à figura masculina, tomemos por exemplo uma passagem do Canto I da *Ilíada*.

Os combates desenrolam-se na encosta de Tróia e, como já não bastasse a guerra, junta-se agora a doença a dizimar os Aqueus. O remédio para tão horrendo mal está na devolução de Criseida, filha de Crises, sacerdote de Apolo. A tal intento se opõe o herói Agamémnon, filho de Atreu (I. 113-119):

καὶ γάρ ῥα Κλυταιμνήστρης προβέβουλα
κουριδῆς ἀλόχου, ἐπεὶ οὐ ἔθην ἔστι χερεῖων,
οὐ δέμας οὐδὲ φυήν, οὐτ' ἄρ φρένας οὐτέ τι ἔργα.
ἀλλὰ καὶ ὡς ἐθέλω δόμενα πάλιν, εἰ τό γ' ἄμεινον·
βούλομ' ἐγὼ λαὸν σὼν ἔμμεναι ἢ ἀπολέσται·
αὐτὰρ ἐμοὶ γέρας αὐτίχ' ἐτοιμάσατ' ὄφρα μὴ οἶος
Ἄργεων ἀγέραςτος ἔω, ἐπεὶ οὐδὲ ἔοικε·

Prefiro-a a Clitemnestra, minha esposa legítima, pois em nada lhe é inferior, nem de corpo, nem de estatura, nem na inteligência, nem nos labores.

¹ VIRGÍLIO, *Eneida*, IV. 569-570.

*Mas apesar disso restitui-la-ei, se for isso a coisa melhor.
Quero que o povo seja salvo, de preferência a que pereça.
Mas preparaí para mim outro prémio, para que não seja só eu
entre os Argivos que fico sem prémio, pois tal seria indecoroso.²*

Efectivamente, ser-lhe-ia oferecida Briseida, cativa de Aquiles, rei dos Mirmídonas. Um desgosto imenso se apoderou deste herói de “pés velozes”, a ponto de suplicar vingança junto da mãe, a deusa Tétis. A filha do Velho do Mar viria a persuadir Zeus Olímpico a favorecer os troianos. Tão lesta visita não passaria, contudo, despercebida à esposa Hera, que lhe confessou os receios de visita tão pernicioso. A ela o Crónida deu esta resposta (I. 561.567):

Δαιμονίη, αἰεὶ μὲν οἶεαι, οὐδέ σε λήθω·
πρήξαι δ' ἔμπης οὐ τι δυνήσεται, ἀλλ' ἀπὸ θυμοῦ
μᾶλλον ἐμοὶ ἔσεται· τὸ δέ τοι καὶ ῥίγιον ἔσται.
Εἰ δ' οὕτω τοῦτ' ἐστίν, ἐμοὶ μέλλει φίλον εἶναι·
ἀλλ' ἀκέουσα κάθησο, ἐμῶ δ' ἐπιπέθεο μύθῳ,
μή νύ τοι οὐ κραισμοσιν ὄσοι θεοὶ εἶσ' ἐν Ὀλύμπῳ
ἄσσον ἰόνθ', ὅτε κέν τοι ἀάπτους χεῖρας ἐφείω.

*Deusa surpreendente! Sempre coisas imaginas; nunca te escapo.
Mas nada tu conseguirás alcançar, e do meu coração
ficarás ainda mais longe. E isto para ti será a coisa pior.
Se é este o caso, é porque assim o caso me aprouve.
Senta-te em silêncio e ouve as minhas palavras,
com receio de que em nada te ajudem os deuses no Olimpo
quando de ti me aproximar, para te pôr minhas mãos irresistíveis.*

E acrescenta Homero (I. 568-570):

“Ὡς ἔφατ', ἔδεισεν δὲ βοῶπις πότνια Ἥρη,
καὶ ῥ' ἀκέουσα καθήστο, ἐπιγνάμψασα φίλον κήρ·
ᾔχθησαν δ' ἀνὰ δῶμα Διὸς θεοὶ Οὐρανόωνες·

*Assim falou, amedrontou-se Hera rainha com olhos de plácida toura.
Sentou-se em silêncio, vergando seu amado coração.
Confrangeram-se no palácio de Zeus os deuses celestiais.*

Não obstante este retrato degradante da condição feminina, também é possível encontrar na *Ilíada* relatos de uma elevação humana capazes de nos

² As traduções citadas de *A Ilíada* e de *A Odisseia* são de Frederico Lourenço.

deixarem os olhos marejados de lágrimas. Ouçamos as palavras de Andrómaca, momentos antes de seu marido se embrenhar no campo de batalha, para não mais regressar (VI. 407-413):

Δαιμόνιε φθίσει σε τὸ σὸν μένος, οὐδ' ἐλεαίρεις
παῖδά τε νηπίαχον καὶ ἔμ' ἄμμορον, ἢ τάχα χήρη
σεῦ ἔσομαι· τάχα γάρ σε κατακτανέουσιν Ἄχαιοι
πάντες ἐφορηθέντες· ἐμοὶ δέ κε κέρδιον εἶη
σεῦ ἀφαμαρτούση χθόνα δύμεναι· οὐ γάρ ἔτ' ἄλλη
ἔσται θαλπωρὴ ἐπεὶ ἂν σύ γε πότμον ἐπίσπης
ἀλλ' ἄχε'·

*Homem maravilhoso, é a tua coragem que te matará!
Nem te compadeces desta criança pequena nem de mim,
desafortunada, que depressa serei a tua viúva.
Pois rapidamente todos os Aqueus se lançarão contra ti
e te matarão. Mas para mim seria melhor descer para debaixo
da terra, se de ti ficar privada. Nunca para mim haverá
outra consolação, quando tu encontrares o teu destino,
mas só sofrimentos.*

E o seu sofrimento acentua-se com a recordação amarga da partida dos seus entes queridos (VI. 413-415; 421-427):

Οὐδέ μοι ἔστι πατήρ καὶ πότνια μήτηρ.
Ἥτοι γὰρ πατέρ' ἄμὸν ἀπέκτανε Διὸς Ἀχιλλεύς
ἐκ δὲ πόλιν πέρσεν Κιλικῶν εὖ ναιετάουσαν,
[...]
Οἱ δέ μοι ἐπτὰ κασίγνητοι ἔσαν ἐν μεγάροισιν
οἱ μὲν πάντες ἰὼ κίον ἤματι Ἄϊδος εἶσω·
πάντας γὰρ κατέπεφνε ποδάρκης Διὸς Ἀχιλλεύς
βουσὶν ἐπ' εἰλιπόδεσσι καὶ ἀργέῃς οἶεσσι.
Μητέρα δ', ἢ βασιλευεν ὑπὸ Πλάκῳ ὑλήεσση,
τὴν ἐπεὶ ἄρ' δεῦρ' ἤγαγ' ἄμ' ἄλλοισι κτεάτεσσιν,
ἄψ' ὅ γε τὴν ἀπέλυσε λαβῶν ἀπερείσι' ἄποινα,

*Já não tenho pai nem excelsa mãe:
meu pai foi morto pelo divino Aquiles
que arrasou a cidade bem habitada dos Cilícios,
[...]
Quanto aos sete irmãos que eu tinha no palácio,
todos eles num só dia desceram à mansão de Hades:
matou-os a todos o divino Aquiles de pés velozes,
no meio do gado de passo cambaleante e das brancas ovelhas.*

*E minha mãe, que foi rainha debaixo da arborizada Placo,
para aqui ele a trouxe com o resto dos despojos,
mas depois libertou-a, tendo recebido incontável resgate...*

É chegada a altura de a nora de Príamo lançar o argumento decisivo, a fim de persuadir seu marido a permanecer junto de si (VI. 429-432):

Ἐκτορ, ἀτὰρ σύ μοι ἔσοι πατήρ καὶ πότνια μήτηρ
ἡδὲ κασίγνητος, σὺ δέ μοι θαλερὸς παρακοίτης·
ἀλλ' ἄγε νῦν ἑλάειρε καὶ αὐτοῦ μίμν' ἐπὶ πύργῳ
μὴ παῖδ' ὀρφανικὸν θήης χήρην τε γυναῖκα·

*Heitor, tu para mim és pai e excelsa mãe; és irmã
e és para mim o vigoroso companheiro do meu leito.
Mas agora compadece-te e fica na muralha,
para não fazeres órfão o teu filho e viúva a tua mulher.*

Passagem de semelhante intensidade emotiva, também protagonizada por esta filha do rei de Tebas da Mísia, Eécion, ocorre com as suas lamentações por ocasião dos rituais funerários.

À vista do esquife puxado pelas mulas, sua excelsa mãe e a amada esposa soltam um grito ululante, que ecoou por toda a cidade e atiram-se ao carro, segurando-o pela cabeça. Assim iniciou seu lamento Andrómaca (XXIV. 725-733):

ἄνερ ἀπ' αἰῶνος νέος ὦλεο, κὰδ δέ με χήρην
λείπεις ἐν μεγάροισι· πᾶις δ' ἔτι νήπιος αὐτως
ὄν τέκομεν σύ τ' ἐγὼ τε δυσάμμοροι, οὐδέ μιν οἶω
ἦβην ἵξεσθαι· πρὶν γὰρ πόλις ἦδε κατ' ἄκρης
πέρσεται· ἦ γὰρ ὄλωλας ἐπίσκοπος, ὅς τέ μιν αὐτὴν
ῥύσκει, ἔχες δ' ἀλόχους κεδνὰς καὶ νήπια τέκνα,
αἶ δὴ τάχα νηυσὶν ὀχίησονται γλαφυρῆσι,
καὶ μὲν ἐγὼ μετὰ τῆσι· δ' αὖ τέκος ἦ ἔμοι αὐτῇ
ἔψαι,

*Marido, para a vida morreste tu jovem e deixas-me viúva
no palácio. Teu filho não passa ainda de pequena criança,
ele a quem tu e eu gerámos, desafortunados! Mas não creio
que ele chegue à adolescência, pois antes disso terá a cidade
sido arrasada de alto a baixo. Eras o protector e morreste:
só tu a defendias e guardavas as nobres esposas e crianças pequenas,
elas que rapidamente partirão nas côncavas naus,
e entre elas irei eu...*

Este quadro de referências da mundividência grega vai aportar a Roma por via da helenização que se fez sentir, a Norte, por intermédio dos Etruscos e, a Sul, a partir das colónias gregas. A sua influência atingiu tal esplendor que Horácio (*Epístolas*, II. 1.156-160) ousou confidenciar à posteridade que

*Graecia capta ferum victorem cepit et artes
Intulit agresti Latio; sic horridus ille
Defluxit numerus Saturnius, et graue virus
Munditiae pepulere; sed in longam tamen aeuum
Manserunt hodieque manent uestigia ruris.*

*A Grécia vencida conquistou o seu feroz vencedor
e no Lácio agreste as artes introduziu; assim perdeu o curso
o áspero metro saturnio e a elegância expulsou
a pesada sordidez; mas por longo tempo ficaram
e existem hoje ainda vestígios de rusticidade.³*

Com efeito, a educação escolar em Roma viria a conhecer uma verdadeira revolução pedagógica com a chegada a esta cidade de um grego, muito provavelmente natural de Tarento, no Sul de Itália, de nome Lívio Andronico. Professor de Grego e Latim, veio a fazer uma paráfrase de a *Odisseia* de Homero, compêndio escolar que substituiu as Leis da XII Tábuas e se impôs até à época de Augusto. Por aqui se antevê a sua influência no imaginário ocidental, tendo sido suplantada provavelmente apenas pela Bíblia, como observa o helenista Frederico Lourenço no prefácio à sua bela tradução publicada pelos Livros Cotovia.

A *Odisseia* homérica é o poema do 'regresso', do retorno de Ulisses à sua amada Ítaca. Penélope é a imagem da fidelidade conjugal, universalmente célebre na lenda e na literatura antigas. Dez anos passaram e apenas o seu coração acalenta a esperança do tão desejado reencontro. A sua situação solitária favorece o assédio de numerosos pretendentes, que se vão instalando no palácio real. Mas a todos vai iludindo com a bem urdida artimanha da mortalha de Laertes: o que de dia fazia, de noite desfazia. O segredo seria desvendado, mais tarde, por uma das escravas; ainda assim, porém, não a tempo de evitar que a esposa se entregasse pura a seu marido no leito nupcial.

Ulisses regressa incógnito. Como mendigo se vai aproximando da sua casa real. Ninguém o reconhece, apenas o seu cão, o fiel Argos (XVII. 296-304):

Δὴ τότε κείτ' ἀπόθεστος ἀποιχομένοιο ἄνακτος,
ἐν πολλῇ κόπρῳ, ἦ οἱ προπάροιθε θυράων

³ Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (1986: 194).

ἡμιόνων τε βοῶν τε ἄλις κέχυτ', ὄφρ' ἂν ἄγοιεν
 δημῶες Ὀδυσσῆος τέμενος μέγα κοπήσοντες·
 ἔνθα κύων κείτ' ἄργος, ἐνίπλειος κυνοραϊστέων.
 Δὴ τότε γ', ὡς ἐνόησεν Ὀδυσσεύα ἐγγύς ἐόντα,
 οὐρή μὲν ῥ' ὄ γ' ἔσηνε καὶ οὐατα κάββαλεν ἄμφω,
 ἄσπον δ' οὐκέτ' ἔπειτα δυνήσατο οἶο ἄνακτος
 ἐλθέμεν· αὐτὰρ ὁ νόσφιν ἰδὼν ἀπομόρξατο δάκρυ,

*Mas agora jazia e ninguém lhe ligava, pois o dono estava ausente:
 jazia no esterco de mulas e bois, que se amontoava junto às portas,
 até que os servos de Ulisses o levassem como estrume para o campo.
 Ai jazia o cão Argos, coberto das carraças dos cães.
 Mas quando se apercebeu que Ulisses estava perto,
 começou a abanar a cauda e baixou ambas as orelhas;
 só que já não tinha força para se aproximar do dono.
 Então Ulisses olhou para o lado e limpou uma lágrima.*

Este pormenor do regresso do herói é bem significativo do humanismo de Ulisses: os horrores de uma prolongada guerra ainda não tinham brutalizado o seu espírito. A emoção foi mais forte... e Ulisses nem por isso deixou de ser um vigoroso varão. Aliás, o cruel destino que suas mãos levaram àquela horda de gente que pretendia assenhorear-se do seu tálamo conjugal são prova eloquente disso mesmo.

A literatura latina também ela, muitas vezes, se inspirou nas aventuras mitológicas dos deuses que, embora com designação diferente, continuam a manter a sua história grega. E vem a propósito chamar à colação um herói já atrás mencionado por nós: Hércules, conhecido por Hércules, entre os Romanos.

Na mitologia, conta-se que Júpiter, disfarçado de Anfitrião, assoberbado pelos cuidados da guerra contra os Teléboas, possuiu sua esposa Alcmena. Nessa mesma noite, o próprio Anfitrião havia de gozar as delícias do amor conjugal. Assim seriam gerados Íficles e Hércules, este último filho de Júpiter. Também este, em síntese, o assunto que serviu de inspiração à magistral comédia romana *Anfitrião*, escrita por Plauto, e que nós podemos saborear num português castiço saído da pena do saudoso mestre da Universidade de Coimbra, Carlos Louro da Fonseca.

Foi num ambiente, marcadamente rural, a que acresce um espírito guerreiro cultivado pelas constantes campanhas militares romanas – a 2.^a Guerra Púnica havia terminada em 202 a.C. –, que se foi acentuando uma visão negativa, porventura excessiva, da figura feminina. Neste contexto, acentua-se a visão

da mulher enquanto mero objecto para satisfação de levianos apetites sexuais. Como alude Terêncio, quantas vezes as circunstâncias a isso as coagiram. São estas as palavras de Pânfilo, na comédia *A moça que veio de Andros*, tentando afastar a dúvida de um possível abandono de Glicério (vv. 270-276):

*Hem egone istuc conari queam?
 Egon propter me illam decipi miseram sinam,
 quae mihi suom animum atque omnem vitam credidit,
 quam ego animo egregie caram pro uxore habuerim?
 Bene et pudice eius doctum atque eductum sinam
 coactum egestate ingenium immutarier?
 Non faciam.*

Como?!... Eu ousaria tentar sequer essa enormidade?... Eu deixaria aquela infeliz ser enganada por minha causa?... Ela que me confiou o seu coração e toda a sua vida?... Ela que eu amei de todo o meu coração e que tratei como minha mulher?... Uma alma educada e modelada na honra e no pudor – eu deixaria que se abastardasse sob a coacção da necessidade?... Tal não farei.

Se a tudo isto juntarmos a jovialidade, a mordacidade, a expressividade características do povo da Itália, em suma, o *Italum acetum*, podemos concluir que estão reunidas as condições para triunfar um paradigma completamente aviltado da figura feminina.

Como já deixámos entrever, com o advento da cultura helenística, a educação em Roma começou a preocupar-se mais com a formação intelectual dos cidadãos; o próprio cânone literário mudou, privilegiando textos da *Odisseia* para a aprendizagem escolar.

É neste contexto de mudança que se vai erguer a voz de Terêncio, poeta cómico romano, de ascendência africana, natural de Cartago. Cipião Emiliano, o futuro vencedor da 3.^a Guerra Púnica, foi o seu principal impulsionador, através do *Círculo dos Cipiões*. Vivem-se os alvares de uma nova mentalidade, a busca de novos horizontes que não-de conduzir a uma existência mais humanizada, no respeito pela individualidade do ser humano. Pela primeira vez se fez sentir a voz da humanidade.

Esta mensagem entrava em choque absoluto com os preconceitos, as convenções sociais que faziam então da existência humana um tormento. Por isso, só após uma terceira tentativa o poeta logrou alcançar o êxito com a repre-

sentação desta comédia, *A Sogra*⁴. Como ele próprio diz no prólogo da peça, na primeira vez, o povo preferiria a fama de uns pugilistas; na repetição, um espectáculo de gladiadores.

Neste drama, a expectativa do público será contrariada, pois não haverá lugar para a ênfase da visão tradicional da *uxor* e, muito menos, da prostituta, enquanto *scortum*. Por isso, representa, porventura, um dos pontos mais altos da problematização da figura feminina na obra de Terêncio.

Três personagens vão concentrar as atenções do espectador: Sóstrata, esposa de Laques e mãe de Pânfilo; Báquis, a hetera, amante de Pânfilo; por último, Filúmena, filha de Fídipo e de Mírrina. O peso de tradições ancestrais acabaria por arrastar Pânfilo para um casamento de conveniência com Filúmena. O valor do dote deslumbrou a autoridade paterna que não deixa ao filho possibilidade de fuga. Resulta, deste modo, uma união que carece de amor.

Não obstante esta contrariedade inicial, a discricção de Filúmena viria a suplantir o amor da cortesã Báquis. Mas logo a morte de um velho parente empurra inesperadamente Pânfilo para longe do lar. Deixa sua esposa com a mãe. Algum tempo depois, a nora começa a emburrar com a sogra. Os escravos não se dão conta de alguma desavença ou discussão, nunca. E em silêncio vai procurar protecção debaixo do tecto paterno, aconchegada nos braços de sua mãe, Mírrina.

O conhecimento de tamanho desaforo arranca Laques ao campo e, em plena rua, dirige-lhe esta invectiva (vv. 198-204):

*Pro deum atque hominum fidem, quod hoc genus est! Quae haec est coniuratio!
Utin omnes mulieres eadem aequae studeant nolintque omnia,
neque declinatam quicquam ab aliarum ingenio ullam reperias!
Itaque adeo uno animo omnes socrus oderunt nurus.
Viris esse aduersas aequae studium est, similis pertinacia est,
in eodemque omnes mihi uidentur ludo doctae ad malitiam. Et
ei ludo, si ullus est, magistram hanc esse satis certo scio.*

Em nome dos deuses e dos homens!... Mas que súcia é esta?... Que conchavo é este?... Será possível que todas as mulheres tenham os mesmos caprichos e as mesmas emburras – todas!... E não se encontre uma sequer que se afaste um pouco das outras em matéria de feitio?... Por isso é que, de perfeito acordo, todas as sogras têm um azar danado às noras. Para fazer-

⁴ TERÊNCIO, *Comédias*. II Vol. (Lisboa 2008) 139-277. Introdução, tradução do latim e notas de Walter de Medeiros. As traduções citadas de *A Sogra* e de *A moça que veio de Andros* são de Walter de Medeiros.

rem pirraça aos maridos, é a mesma teimosia, igual casmurrice... Foi na mesma escola, parece-me a mim, que todas se doutrinarão para a malvadez. E nessa escola, se ela existe, esta fulana é a mestra – tenho a certeza!

Estas são palavras eivadas de um misoginismo exarcebado, de uma violência extrema, a que vai acrescentar ainda a acusação de ela ser a única responsável pela perturbação da paz familiar (vv. 228-232):

*Immo maxime!
Sola hic fuisti; in te omnis haeret culpa sola, Sostrata.
Quae hic erant curares, cum ego uos curis solui ceteris.
Cum puella anum suscepisse inimicitias non pudet?
Illius dices culpa factum?*

Mas é que foi mesmo, e em cheio! Tu eras a única pessoa que estava cá em casa: (de indicador espetado) é sobre ti que recai toda a culpa, unicamente, Sóstrata. Com as tarefas cá da casa é que te devias preocupar, já que das outras preocupações vos libertei eu. (Em voz cortante de náusea e desdém.) Uma velha a armar desavenças com uma garotinha!... não tens vergonha?!... (Perante o silêncio conformado de Sóstrata, insiste com intimativa.) Não me vais dizer que a culpa é dela?...

Esta convenção social vai ser reforçada pelas palavras amargas de Sóstrata (vv. 274-279):

*Edepol ne nos sumus inique aequae omnes inuisae uiris
propter paucas quae omnes faciunt dignae ut uideamur malo.
Nam, ita me di ament, quod me acusat nunc uir, sum extra noxiam.
Sed non facile est expurgatu, ita animum induxerunt socrus
Omnis esse iniquas; haud pol me quidem; nam numquam secus
Habui illam ac si ex me esset gnata.*

O céu nos valha!... É bem verdade. Nós todas, com igual injustiça, somos malvistas dos nossos maridos – por culpa de umas poucas que fazem que todas nós pareçamos dignas de castigo. O meu marido faz-me agora uma acusação: e, no entanto – assim os deuses me favoreçam! –, eu estou isenta dessa culpa. (Suspira fundo.) Mas não é fácil desculpar-se: de tal sorte se lhes meteu na cabeça que as sogras – todas – são malvadas. Não, não é o meu caso, palavra: pois nunca deixei de tratar aquela rapariga como se fosse minha filha.

Entretanto, Pânfilo regressa e vai ao encontro de Filúmena. Logo que transpõe a soleira da porta, percebeu a doença que ela tinha. Esperava um filho!

Mírrina suplica-lhe que guarde segredo do parto. Tornava-se imperioso encobrir o infortúnio de Filúmena. As conveniências sociais assim o exigiam.

Por conseguinte, Pânfilo está agora mais perto de ceder à piedade filial, optando por sua mãe em desfavor do seu amor... E até se opõe, desta vez com êxito, à vontade de seu pai, que o impele a receber Filúmena. Contudo, Sóstrata, depois de enaltecer a atitude do filho, comunica-lhe a sua decisão de partir para o campo, consciente do mundo misógino que a esmaga. É a recompensa materna à dedicação filial (vv. 593-600):

*Nihil pol iam istaec mihi res uoluptatis ferunt;
dum aetatis tempus tulit, perfuncta satis sum; satias iam tenet
studiorum istorum; haec mihi nunc cura est maxima ut ne cui mea
longinquitas aetatis obstet mortemue expectet meam.
Hic uideo me esse inuisam immerito; tempus est concedere.
Sic optume, ut ego opinor, omnis causas praecidam omnibus,
Et me hac suspicione exsoluam et illis morem gessero.
Sine me, obsecro, hoc effugere uolguis quod male audit mulierum.*

Já nada disse – palavra – me dá prazer. Enquanto a idade o permitiu, eu fui assídua bastante... mas bastou. Essas freixas já me causam enjoo. Agora só tenho uma preocupação – e é a maior de todas: que a minha velhice, à medida que avança, não seja um tropeço para ninguém... nem se ponham a esperar a minha morte. (A mágoa é velada, mas sensível.) Aqui vejo que sou malvista... embora sem razão. Pois é a altura de me retirar. Assim, da melhor maneira, penso eu, posso cortar cerce com todos os pretextos... a toda a gente. Vou afastar de mim esta suspeita e (aponta para a casa de Fidipo) fazer-lhes o jeito que pretendem. (Perante os gestos de recusa enérgica de Pânfilo, termina curvada e de lágrimas nos olhos.) Deixa-me, eu te suplico, escapar à má fama que o vulgo põe a correr acerca das mulheres.

Na cena anterior, deste Acto IV, o público fica a conhecer um detalhe importante para o desfecho deste drama. Após um longo suspiro, Mírrina deixa escapar, à maneira de confidência, que sua filha havia sido violentada na calada da noite e que o assaltante não reconheceu o rosto, pois a escuridão tal não permitiu. Além disso, o desconhecido arrebatou à moça o anel que ela tinha no dedo.

Pois bem! Quando Laques e Fidipo juntam esforços para unir os pombinhos desavindos, sentem a resistência de Pânfilo a tais intentos. E logo desconfiam que os amores da hetera Báquis sejam o verdadeiro motivo para tal recusa.

Na dúvida, Laques dirige-se a casa de Báquis, que o recebe educadamente. E da sua boca ouviu as palavras que mais esperava: Pânfilo havia sido afastado do leito da cortesã desde a hora do seu casamento. O mesmo juramento seria repetido na casa de Fidipo.

Ao sair, Báquis descobre Parmenão e vai ao encontro dele. Pede-lhe que transmita a Pânfilo que Mírrina reconheceu o anel que ele lhe deu um dia. Assim se descobre que Pânfilo tinha sido o violador de Filúmena e era o pai do menino que acabara de nascer. Báquis revelava-se a *bona meretrix* (vv. 833-840):

*Haec tot propter me gaudia illi contigisse laetor;
Etsi hoc meretrices aliae nolunt; neque enim est in rem nostram
ut quisquam amator nuptiis laetetur; uerum ecaster
numquam animum quaesti gratia ad malas adducam partis.
Ego dum illo licitum est usa sum benigno et lepido et comi.
Incommode mihi nuptiis euenit, factum fateor;
at pol me fecisse arbitror ne id merito mihi eueniret.
Multa ex quo fuerint commoda, eius incommoda aequum est ferre.*

Sinto-me contente por tantas alegrias lhe terem vindo de mim. (Mas, pouco a pouco, a expressão ganha um tom concentrado.) Bem sei que as outras mulheres da vida não pensam assim. Não é vantajoso para nós que um amante se dê bem no casamento... Mas, em boa verdade, eu nunca deixarei que, por amor do lucro, o meu coração seja levado para o mal. (Um longo suspiro.) Sim, enquanto lhe foi permitido, eu encontrei nele um amigo generoso, simpático e delicado. Não me deu satisfação o seu casamento, tenho de o confessar... Mas, em boa verdade, penso que nada fiz para merecer o desgosto que tive. (Levanta a cabeça com decisão). Se muitos foram os benefícios que recebemos de uma pessoa, é justo suportar os desprazeres que dela nos vêm. (Dirige-se resolutamente para casa. Mas um rumor de vozes – a voz bem conhecida e bem amada de Pânfilo – leva-a a parar diante da porta, depois a voltar-se, comovida, para a rua.)

Sem dúvida que esta imagem de cortesã possuidora de sentimentos nobres é bem diferente da visão tradicional que nos é apresentada pela cortesã Sira, na abertura do Acto I, quando no diálogo com Filótis profere este juízo (vv. 63-65):

*Ergo propterea te sedulo
et moneo et hortor ne cuiusquam misereas.
Quin spolies mutiles laceres quemque nacta sis.*

Ora é por isso mesmo que de todo o coração eu te aconselho e exorto: nunca tenhas pena de um que seja. (Com um brilho cruel no olhar.) Trata mas é de depenar; estropiar; esfolar todo e qualquer que te caia debaixo das unhas.

A terminar, podemos concluir que Terêncio mostra uma vontade firme de revalorizar o papel da figura feminina, a ponto de se poder falar, porventura, em

emancipação. E vem a propósito uma nova referência à *Iliada* de Homero, que não devia ser alheia ao conhecimento de Terêncio.

Quando, no campo de batalha, a vida de Heitor se evoluiu do seu corpo, Andrómaca, no interior do palácio, ouviu gritos e pranto vindos da muralha; o corpo estremeceu-lhe, pois pressentiu a morte do marido. De imediato pediu a duas servas que a acompanhassem (XXII. 450-459):

Δεῦτε, δὴ μοι ἔπεσθον, ἴδωμι' ὅτιν' ἔργα τέτυκται.
αἰδοίης ἐκρυφῆς ὅπως ἔκλυον, ἐν δ' ἔμοι αὐτῇ
στήθεσι πάλλεται ἦτορ ἀνὰ στόμα, νέρθε δὲ γούνα
πήγνυται· ἐγγύς δὴ τι κακὸν Πριάμοιο τέκεσιν.
Αἶ γὰρ ἀπ' οὐατος εἶη ἐμεῦ ἔπος· ἀλλὰ μάλ' αἰνῶς
δεῖδω μὴ δὴ μοι θρασὺν Ἔκτορα διὸς Ἀχιλλεὺς
μῶνον ἀποτμήξας πόλιος πεδίον δὲ δῖηται,
καὶ δὴ μιν καταπαύση ἀγνηροῖης ἀλεγεινῆς,
ἦ μιν ἔχεσκ', ἐπεὶ οὐ ποτ' ἐνὶ πληθῶι μένεν ἀνδρῶν,
ἀλλὰ πολὺ προθέεσκε, τὸ δὲ μένος οὐδενὶ εἴκων.

*Vinde comigo, duas de vós, para que eu veja o que aconteceu.
Ouvi a voz de minha sogra veneranda: no meu peito
o coração saltou-me à boca e os joelhos por baixo de mim ficaram
dormentes. Perto está alguma desgraça para os filhos de Príamo.
Que longe dos meus ouvidos esteja tal palavra! Mas receio
terrivelmente que o divino Aquiles tenha cortado ao audaz Heitor
o acesso à cidade e que esteja sozinho com ele na planície;
talvez lhe tenha travado a coragem causadora de sofrimentos
que o dominava: pois ele nunca ficava na chusma de homens,
mas punha-se muito á frente, a nenhum cedendo na sua força.*

Referências

CERQUEIRA, Luís M. G. (coord.)

2003 *Eneida*. Lisboa. Tradução do Latim por Luís M. G. Cerqueira (I-VI), Cristina Abranches Guerreiro (VII-VIII), Ana Alexandra Tibúrcio Lopes Alves de Sousa (X-XI) e Paulo Alberto Farmhouse (IX e XIII).

COUTO, Aires Pereira do

2006 "As cortesãs em Terêncio". In: POCIÑA, Andrés; RABAZA, Beatriz; SILVA, Maria de Fátima (eds.). *Estudios sobre Terencio*. Granada-Coimbra, pp. 265-290.

DUCKWORTH, G. E.

1994 *The Nature of Roman Comedy. A Study in Popular Entertainment*. Second edition with a foreword and bibliographical appendix by Richard Hunter. Oklaoma.

FERREIRA, José Ribeiro

1996 *Civilizações Clássicas I. Grécia*. Lisboa.

FOREHAND, W. E.

1985 *Terence*. Boston.

GRIMAL, Pierre

1975 *Le siècle des Scipions. Rome et l'hellenisme au temps des guerres puniques*. Paris.

HOMERO

2003 *Odisseia*. Lisboa. Introdução e tradução de Frederico Lourenço.

2005 *Iliada*. Lisboa. Introdução e tradução de Frederico Lourenço.

HODOI ELEKTRONIKAI

2009 *Du texte à l'hypertexte*: http://mercure.fltr.ucl.ac.be/HODOI/concordances/platon_republique_10/texte.htm. Acesso em 4 de Outubro.

2009 *Du texte à l'hypertexte*: http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/homere_iliade01/texte.htm. Acesso em 25 de Setembro.

2009 *Du texte à l'hypertexte*: http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/homere_odyss17/texte.htm. Acesso em 5 de Outubro.

ITINERA ELECTRONICA

2009 *Du texte à l'hypertexte*: http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/horace_epitresII/texte.htm. Acesso em 4 de Outubro.

LEÃO, Delfim F.

2006 "A *Hecyra* de Terêncio. Incompreensão, isolamento e convenção social". In: POCIÑA, Andrés; RABAZA, Beatriz; SILVA, Maria de Fátima (eds.). *Estudios sobre Terencio*. Granada-Coimbra, pp. 233-249.

LESKY, Albin

1995 *História da Literatura Grega*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa.

MELO, António Maria Martins

1994 *Ideias pedagógicas na comédia de Terêncio*. Braga.

2006 "Terêncio, Africano, um poeta para os jovens". In: PEREIRA, Virgínia Soares; CURADO, Ana Lúcia, (org.). *A Antiguidade Clássica e nós. Herança e identidade cultural*. Braga, pp. 175-186.

OLIVEIRA, Francisco de

- 2006 "O amor em Terêncio". In: POCIÑA, Andrés; RABAZA, Beatriz; SILVA, Maria de Fátima (eds.). *Estudios sobre Terencio*. Granada-Coimbra, pp. 333-355.

PARATORE, Ettore

- 1987 *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha

- 1986 *Romana. Antologia da Cultura Latina*. Organizada e traduzida do original. Coimbra.
- 1998 *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Organizada e traduzida do original. Coimbra.

PLATÃO

- 1985 *A República*. Lisboa. Introdução e tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira.

TERENCE

- 1990 *Mother-in-Law*. Warminster.

TERÊNCIO

- 2008 *Comédias*. Lisboa. Vol. I: "A moça que veio de Andros", 17-186; Vol. II: "A Sogra", 139-277. Introdução, tradução do latim e notas de Walter de Medeiros.

TERÊNCIO AFRO, P.

- 1966 *Comedias*. Barcelona. Vol. III: "Hécira – Adelfos", 13-92. Texto revisado y traducido por Lisardo Rubio.